

QUEREMOS NEGOCIAÇÃO COM SERIEDADE

Já foram realizadas quatro reuniões sobre o aditivo, mas banco continua dizendo não para avanços, com um detalhe: grande parte das reivindicações não representaria impacto financeiro

Os trabalhadores do Santander estão em plena negociação para a renovação do acordo aditivo à CCT (Convenção Coletiva de Trabalho), mas a postura adotada pelo banco tem emperrado o processo. “Grande parte de nossa pauta de reivindicações, entregue ao banco no dia 12 de maio, não gera impacto financeiro para a empresa. Mesmo assim, os representantes do Santander ainda não apresentaram nenhuma proposta de avanço no aditivo”, critica a diretora executiva do Sindicato e integrante da Comissão de Organização dos Empregados, Maria Rosani.

Já foram realizadas quatro mesas de negociação, mas em nenhuma delas o banco deu sinalização positiva para as principais demandas dos funcionários. “O Santander tem de vir para a mesa com seriedade, e com propostas que atendam nossas reivindicações”, reforça a dirigente.

Maria Rosani explica que a maioria das demandas visa corrigir distorções no dia a dia dos trabalhadores. “Queremos que o banco tome providências sobre questões como falta de funcionários, e que interrompa práticas que prejudicam os bancários, entre elas mudanças no programa de metas no meio do prazo estipulado, metas abusivas e inalcançáveis, uso da ferramenta AQO (Avaliação da Qualidade Operacional) de forma punitiva.”

Ela cita ainda as mudanças unilaterais nas regras dos planos de saúde para dependentes. “Queremos que o banco revogue essas mudanças. Também cobramos o fim do estorno da comissão de vendas do seguro”, diz. E explica: “Se o cliente cancelar em até seis meses o seguro, o banco não devolve as parcelas

já pagas ao cliente, mas estorna a comissão do bancário. É injusto.”

BOLSAS - Outro ponto que está levando as negociações a impasse é o programa de auxílio-educação. “Enquanto reivindicamos melhorias no programa, o banco propõe retrocessos, com a criação de regras por meritocracia”, denuncia Maria Rosani.

O programa prevê apenas critérios para desempate, mas o Santander quer estabelecer normas para a concessão de bolsas, como tempo de casa e notas de avaliação de desempenho. “Não aceitamos isso! As bolsas para graduação e pós são conquista dos trabalhadores, não podem ser distribuídas como forma de compensar desempenho, por exemplo. Até porque as avaliações semestrais dos funcionários são a combinação de dois critérios: um, objetivo, é o desempenho nas metas, outro é avaliação comportamental, portanto, totalmente subjetivo e depende da opinião do gestor sobre o funcionário. Ou seja, pra conseguir bolsa, o bancário precisaria ser bem avaliado pelo gestor. Não dá para aceitar isso de jeito nenhum”, afirma.

Os trabalhadores querem que o Santander promova reajuste nos valores das bolsas, mas até agora o banco negou. “As instituições de ensino aumentaram suas mensalidades. Queremos que pelo menos o Santander reponha a inflação do período”, explica a dirigente.

Os trabalhadores também reivindicam critérios claros e distribuição mais justa no PPRS.

QUEREMOS



NOVA RODADA - A próxima negociação será na quarta-feira 6. “Esperamos que o banco venha disposto a valorizar seus funcionários. O aditivo é uma grande conquista e sua renovação é muito importante, mas é preciso que o documento contenha avanços. Os bancários enfrentam uma série de dificuldades no dia a dia de trabalho e queremos que soluções para esses problemas sejam clausuladas, para que todos possam trabalhar em condições adequadas e com mais segurança. E voltamos a dizer: muitas das nossas reivindicações são para melhorar a gestão, não representam impacto financeiro para a empresa e melhorariam significativamente as condições de trabalho, o que é bom para todos”, reforça Maria Rosani.

ACÚMULO DE FUNÇÃO COM NOVO PROJETO DO SANTANDER

Banco escolherá 10% dos caixas para exercer também papel de agentes comerciais; medida prejudicará ainda mais atendimento à população

De forma unilateral e sem qualquer negociação com os trabalhadores, o Santander está implementando projeto que vai acrescentar o papel de “agente comercial” no dia a dia de alguns caixas. O piloto foi iniciado no Rio Grande do Sul e Paraná e começou na sexta-feira 1º em São Paulo e Minas Gerais.

Em rede interna, o banco divulgou que o “agente comercial deve alavancar os resultados da carteira de pessoa física e de pessoa jurídica e, em dia de pico, atuar como caixa”. Também informou que possui aproximadamente 8 mil caixas em todo o país e que 10% deles serão escolhidos para a nova função.

“Ocorre que o procedimento é totalmente ilegal, pois configura-se acúmulo de função quando o trabalhador, além de exercer sua função, exercer outras funções de outros cargos, de forma habitual, funções estas, que não foram previstas no contrato de trabalho”, diz o Sindicato em ofício extrajudicial enviado ao banco requerendo a suspensão do programa e mesa de negociação para tratar do assunto.

“O trabalhador passará a ter dupla fun-

ção e, portanto, dupla responsabilidade. Vai aumentar a sobrecarga e a cobrança. Ele passa a ter meta comercial para cumprir, mas como fica essa meta quando ele tiver de ficar no caixa? Não podemos

aceitar acúmulo de função. Além disso, a medida pode resultar em aumento dos riscos de ter diferenças no fechamento dos caixas”, critica a diretora executiva do Sindicato e integrante da Comissão de Organização dos Empregados, Maria Rosani.

“Temos acordo para que caixas não cumpram metas e, com a medida, o Santander está desrespeitando-o. Outro grande erro do projeto: por que não deixa o funcionário decidir se quer a nova função?”, questiona Vera Marchioni, também diretora executiva do Sindicato.

Atendimento – Vera lembra que a falta de caixas é um problema antigo e será



agravado. “O Sindicato cobra há tempos que o Santander aumente o número de caixas, mas com essa medida vai diminuir ainda mais.”

O projeto também prejudicará os usuários. “Os bancos em geral vêm numa ofensiva de expulsar os clientes das agências. Isso está errado: eles são concessões públicas e têm obrigação de atender a população”, diz Rosani.

As dirigentes orientam os bancários a denunciar eventuais problemas ao Sindicato. “Para enfrentar essa nova situação precisamos do retorno e informações do bancário. Vamos acompanhar o processo de perto”, avisa.

SUPERINTENDÊNCIA INFERNIZA VIDA

A Superintendência de Rede SP Capital do Santander, que coordena 14 regionais e pelo menos duas mil agências, tem transformado o cotidiano de milhares de bancários em um inferno. A cobrança abusiva promovida pelo superintendente Marcelo Malanga cria uma cadeia de assédio moral, que passa por gerentes regionais, gerais, administrativos até chegar aos de relacionamento, responsáveis pela venda de produtos e o último degrau nessa ‘escadinha’ de desrespeitos.

“A Superintendência determina a cobrança de 200% da meta no meio do

mês. E a pressão aumentou muito por conta da campanha Seguros GP da Bélgica, que pretende aumentar a venda de seguros com prêmios de viagens”, relata a diretora do Sindicato Lucimara Malaquias. “O GP é só para os gerentes hierarquicamente superiores. Para quem vendeu o produto, o prêmio é um jantar com o Malanga”, informa.

“Já deixamos claro para o Santander: não aceitaremos mudanças das regras das metas no meio do caminho”, acrescenta Maria Rosani, diretora executiva do Sindicato.

Adoecimentos – A dirigente lembra que, além do seguro, alvo da campanha, os bancários têm outros 380 tipos de produtos para vender. “O resultado dessa insanidade é uma quantidade enorme de adoecidos. Alguns chegam a chorar quando relatam pra gente o que estão passando”, conta Lucimara.

O Sindicato cobra que o Santander acabe com essa escalada de assédio moral. “Não vamos ficar parados diante dessa situação insustentável”, avisa a dirigente.